

COMPROU FRANGO

E MORREU

NO NATAL



FURO MUNDIAL

HÉLIO SANTOS, O REPÓRTER MITO DA MADRUGADA DO NOTÍCIAS POPULARES, DORMIU PARA SEMPRE NO FIM DE 2007



■ APELIDO CARINHOSO

CHAMAVA BONECA DE PRINCESA

Abordava o povo na estica: terno, gravata, sapato limpo e perfume. Hélio não tratava ninguém mal

■ TAPA NA CARREIRA

FOTÓGRAFO ZÉ MARIA ASSUME A PETECA NO TIMÃO

Cansado de tanta desgraça, agora ele se dedica ao esporte



■ CHUPA, INTERNET!

NEM O GOOGLE SABIA

Repórteres amigos desistiram da busca

■ REVISTA DE SURFISTA

TRIP MOSTROU COMO SE FAZ

Saiu do computador e foi pra cracolândia

■ FICOU ÀS MOSCAS

CADÁVER NO APÊ POR 5 DIAS

Cheiro forte espanta até bombeiro

■ QUATRO MAÇOS POR DIA

CORAÇÃO PIFOU NA CAMA

Sonhava passar Natal com a filha e a neta

■ ÚLTIMO GOLE



“A GENTE TOMAVA A CERVEJA DO MORTO”

José Maria da Silva, fotógrafo pioneiro da madrugada, revela como eram as noites com Hélio Santos



Hélio com a neta, Bárbara, a paixão de sua vida; ao lado, imagens de Zé Maria, parceiro de Hélio na madrugada: parente de vítima de homicídio; viatura abandonada e outra que não tinha macaco e teve pneu trocado no braço



POR DÉCIO GALINA
FOTOS JOSÉ MARIA DA SILVA

Fim do mistério. Hélio Santos está morto – e faz tempo. O repórter policial responsável pela cobertura da madrugada do extinto jornal *Notícias populares* – sim, aquele que espreme e sai sangue – morreu só, em pleno Natal, de um ataque cardíaco fulminante enquanto dormia, deitado de barriga para baixo, coberto com lençol, no apartamento 32 (quarto, sala, cozinha, banheiro), do número 574 da rua Vitória, cracolândia paulistana. Tinha 68 anos. Baiano de Itabuna, Hélio entrou sozinho no prédio pela última vez dia 23 de dezembro de 2007. Quando subiu ao lar, levava uma sacola de supermercado com bananas e frango.

“Depois desse dia, ele não desceu mais”, confirma Jacira Jesus da Silva, que trabalha na limpeza do edifício. “A gente começou a achar estranho o cheiro que vinha do apartamento.” As moscas-varejeiras aos montes também chamaram a atenção. No dia 29, o fedor do corpo em putrefação ficou insuportável.

Dava pra sentir do térreo. Chamaram a polícia. “Quando os bombeiros arrombaram a porta, alguns passaram mal, saíram com a mão no nariz”, recorda Faustino de Oliveira Gama, potiguar de 66 anos, síndico, porteiro e vizinho do Hélio. “Um mês antes de morrer, ele terminou uma reforma no apartamento em que gastou um dinheirão. Nunca recebia visitas. Não falava com ninguém, era fechado. Nem sabia que ele era jornalista. Só abria a boca para reclamar: falava mal da pintura do prédio, queria mais um portão de segurança, sempre brigava comigo, mas, no fim, votava em mim nas eleições do condomínio.”

Ao ser localizada pela reportagem da *Trip*, a filha única de Hélio Santos, a pedagoga Fátima Patrícia Furuyama, 42 anos, se emocionou com a possibilidade de falar sobre o pai. Hélio pensava em passar o Natal com mulher, filha e neta, que moravam longe. Ainda hoje é difícil para ela puxar pela memória o fim de 2007. “Nós esperávamos meu pai para a noite do dia 24, mas ele não apareceu. Depois, não liguei... Pensei que ele estava fazendo algum trabalho.” Fátima conta que era próxima ao pai. Falavam-se diariamente pelo telefone. “Ele e minha mãe moravam separados, mas continuavam casados. A paixão da vida dele era a netinha, Bárbara, minha filha de 7 anos. Adorava ler histórias para

“ELE NUNCA RECEBIA VISITAS. NÃO FALAVA COM NINGUÉM, ERA FECHADO. SÓ ABRIA A BOCA PARA RECLAMAR”

ela. Só percebi a importância dele na minha vida depois que ele faleceu”, revela Fátima, assistente de diretor de uma escola municipal e estudante do quarto ano de direito.

Outra paixão de Hélio era o Santos Futebol Clube. Gostava também de desenho animado, ler, fumar de três a quatro maços de cigarro por dia e tomar banhos de uma hora antes de trabalhar. “Meu pai estava escrevendo um livro sobre os bastidores da cobertura policial.”

ARROZ NO FOGO

No apartamento de Hélio, os policiais encontraram o contato de Maria Luiza Rodrigues de Souza, paranaense de Irati, 73 anos, a esposa do repórter. “A polícia me ligou, mas pensei que fosse trote. Demorei para acreditar”, comenta Maria Luiza enquanto fica atenta ao arroz no fogo. “Estávamos casados havia 50 anos, mas cada um em uma casa. Ele me ligava diariamente perguntando se a neta precisava de alguma coisa. Nos visitava em alguns fins de semana. Ele tinha a vida dele, não sentia ciúmes.”

Em caixão lacrado, ele foi enterrado na cidade de Diadema, no Cemitério da Paz, quadra das Azaleias, setor B, jazigo 31. Três pessoas da família compareceram. Maria Luiza pediu para a filha não avisar os colegas de jornalismo sobre o destino de Hélio Santos.

O homem que registrou a morte de centenas na periferia e detalhou tudo quanto é tipo de crime na página 12 do *Notícias populares* deixou como último registro o Boletim de Ocorrência 10.531/2007, no 3º Distrito Policial (Campos Elíseos). O repórter que virou lenda na crônica policial e que trabalhou nos jornais *Última hora*, *Gazeta esportiva* e 14 anos no grupo Folha não recebeu uma linha de obituário.

Ninguém sabia do paradeiro de Hélio. Mesmo três anos após a morte, até esta reportagem, nenhum amigo ou colega de trabalho tinha o rastro do jornalista. As últimas informações davam conta de que ele fora visto havia uns três anos no largo do Arouche e redondezas fazendo compras, tomando sorvete.

Dia 20 de janeiro passado completou-se uma década do fechamento do *Notícias populares*, mais conhecido como *NP*. Diário de 37 anos, marco na imprensa nacional, cultuado pela linguagem sensacionalista, bem-humorada e direta na hora de traduzir para o povo o que mais interessava: economia popular, sexo, esporte e morte. Muita morte. E era esse o métier de





Hélio Santos, em um tempo em que não havia internet, celulares, ele era a quintessência do repórter de solas gastas e muita paciência ao telefone para caçar os casos mais obscenos.

Talvez pela falta de um repórter como ele, que seu próprio óbito tenha demorado tanto para chegar à imprensa. E mesmo antes disso, por dez anos, desde o fim do *NP*, ninguém tinha o telefone, o endereço, nada. O Hélio estava sumido. Nem o Zé Maria sabia dele.

444 CROMOS

José Maria da Silva, paulista de 58 anos, da cidade de Osvaldo Cruz, é quase sinônimo de *Notícias Populares*: trabalhou lá por 30 anos, ficou até o fim (edição 13.413, do dia 20 de janeiro de 2001), foi o primeiro fotógrafo a enquadrar a vida como ela é nas bordas da cidade.

“A Agência Folha tinha dois repórteres na madrugada e, em 1983, comecei a ir sozinho para alguns homicídios. Fui o primeiro a fazer isso”, comenta o pioneiro Zé Maria, no sofá de casa, perto do Parque São Jorge, sede do Corinthians, onde hoje é diretor do departamento de peteca. “Comecei a fotografar com aquela máquina alemã... Como chama mesmo? É, isso, Leica, acho que M8. Fazia preto e branco.”

Hoje, das três décadas de *NP*, Zé Maria guarda na gaveta 444 cromos. Ele jamais expôs o

“O HÉLIO ERA OLD SCHOOL: TINHA QUE VER PARA CRER. UM CLÁSSICO DA CRÔNICA POLICIAL COMO CACO BARCELLOS”

seu trabalho – participou apenas de uma coletiva do *NP*, no MIS, em 1998. “Também não entrei em concurso. Não tenho vaidade, ser famoso, aparecer, porra nenhuma. Não quero nada. Estou realizado”, continua Zé Maria, entrecortado pelos latidos do pit bull Netuno, e pelo DVD do *The Platters*, em alto e bom som.

A parceria entre Hélio e Zé Maria na madrugada não era um mar de rosas. “Na verdade, o Hélio era um cagão! [Risos.] Não descia do carro. Às vezes, não queria se sujar na lama. Eu que tinha que tomar atitude, não é, Zé?” O outro Zé em questão é José Carlos Riccetti, paulistano de 60 anos, motorista da dupla a partir de 1996, na direção de um Gol branco 95. Claro que a equipe da madrugada também tinha momentos de descontração. “Quando o homicídio era no boteco, a gente sempre terminava de tomar a cerveja do morto”, desenterra Zé Maria.

De bar em bar, de chacina em chacina, Hélio Santos se apresentava em seu melhor. Sapatos sempre limpos, altas doses de perfume e de trato tão fino que tinha por costume chamar os travestis da madrugada de “princesas”.

“ELE É UM GÊNIO”

Na última edição do *NP*, há três matérias assinadas por Hélio Santos. Na página 5: “Guardas civis comandam a invasão no DP”; “Minas da

PM executam serralheiro”; e mais uma na 12: “Cadáver aparece no carro de bacana”. As três com fotos de Rogério Lacanna. “O Hélio é durão. Mas comigo era gente fina. A única vez que vi o Hélio com medo foi em uma ocorrência no 47º DP [Capão Redondo], um dia em que acabou a luz e existia a promessa de um bandidão ser resgatado do xadrez. Chegamos perto e deu para ouvir os policiais engatilhando as armas. Aí, o Hélio, com aquela voz grossa, gritou: ‘É a reportagem do *Notícias Populares!*’”

De Polaroid SX 70 em punho, Fernando Costa Netto, 51 anos, passou uma semana ao lado de Hélio Santos “para entender como funcionava a madrugada”. “Adoro o Hélio... Fora o que ele é cheiroso! Figuraça. É uma peça de um jornalismo que não existe mais, um gênio”, resume o editor-chefe do *NP* de 1997 a 2000, e ex-diretor de redação da *Trip* de 1992 a 1993. Hélio Santos também foi referência na formação de um dos principais repórteres policiais da atualidade, André Caramante, 33 anos, hoje na *Folha de S.Paulo*. André trabalhou de 1998 a 2001 na editoria de Geral do *Notícias Populares*. “Hélio é um clássico da crônica policial como Octávio Ribeiro, o Pena Branca, e Caco Barcellos.” E qual lição você tirou do contato com ele? “Saber chegar e sair de um lugar onde as pessoas choram a morte de alguém.”

Durante a apuração desta reportagem, os entrevistados não foram avisados de que Hélio está morto desde 2007. Nem o Zé Maria. Em um sábado de sol forte, no início de fevereiro último, o visitei. Na casa dele, também estava Zé Carlos, motorista da folclórica dupla. Na despedida, Zé Carlos incentivou a investigação do paradeiro do repórter. Já o fotógrafo não botou esperança: “Olha, Décio... Não é que estou secando, mas acho que não dá pra encontrar o Hélio não. Ele está vivo, mas está em outra, na dele. Pode até estar gagá. Difícil de achar”. O mesmo jornal que pôs na prática o slogan *Nada mais que a verdade* também ensinou ao presente repórter que sempre dá para achar.

Zé Maria e Hélio Santos na redação; algumas capas do jornal; e, na outra pág., dois registros de Zé Maria, dos quais ele não lembra nada, uma pequena parte do arquivo de 444 cromos a que *Trip* teve acesso

